

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

ADRIANA RAMOS DA SILVA
ANDRESSA CAROLINE DE ARAUJO LIRA
GISELLY NIEDJA DE LIMA

**O papel do farmacêutico na saúde mental: escuta ativa e intervenção
farmacêutica na prescrição de psicofármacos**

RECIFE/2025

ADRIANA RAMOS DA SILVA
ANDRESSA CAROLINE DE ARAUJO LIRA
GISELLY NIEDJA DE LIMA

**O papel do farmacêutico na saúde mental: escuta ativa e intervenção
farmacêutica na prescrição de psicofármacos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina **TCC** do Curso de Bacharelado em
Farmácia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para
conclusão do curso.
Orientador: **XXX** Hugo Christian de Oliveira Felix

RECIFE

2025

ADRIANA RAMOS DA SILVA
ANDRESSA CAROLINE DE ARAUJO LIRA
GISELLY NIEDJA DE LIMA

**O papel do farmacêutico na saúde mental: escuta ativa e intervenção
farmacêutica na prescrição de psicofármacos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina **TCC** do Curso de Bacharelado em Farmácia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

XXX Hugo Christian de Oliveira Felix - Orientador

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: ____
Data: __/__/__

RESUMO

A crescente prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, esquizofrenia e transtorno bipolar, tem impulsionado a busca por abordagens interdisciplinares na área da saúde mental. Neste contexto, o farmacêutico se destaca como agente essencial na promoção da saúde mental, especialmente por meio da escuta ativa e da intervenção clínica na farmacoterapia com psicotrópicos. Este artigo tem como objetivo discutir, a partir de uma revisão narrativa da literatura, a importância da atuação farmacêutica junto à equipe multiprofissional, com foco na adesão terapêutica, segurança do paciente e racionalidade do uso de medicamentos psicotrópicos. Evidências demonstram que a presença ativa do farmacêutico em diferentes níveis de atenção à saúde contribui significativamente para melhores desfechos clínicos e redução de estigmas associados aos transtornos mentais.

Palavras-chave: saúde mental, farmacêutico, escuta ativa, psicotrópicos, adesão terapêutica, intervenção farmacêutica.

The Pharmacist's Role in Mental Health Care: Active Listening and Clinical Intervention in Psychotropic Pharmacotherapy

ABSTRACT

The increasing prevalence of mental disorders such as depression, anxiety, schizophrenia, and bipolar disorder has driven the pursuit of interdisciplinary approaches within the field of mental health care. In this context, pharmacists play a pivotal role in promoting mental health, particularly through active listening and clinical intervention in psychotropic pharmacotherapy. This study aims to discuss, through a narrative literature review, the significance of pharmacists' involvement within multidisciplinary healthcare teams, focusing on therapeutic adherence, patient safety, and the rational use of psychotropic medications. Evidence demonstrates that the active participation of pharmacists across different levels of healthcare contributes significantly to improved clinical outcomes and to reducing the stigma associated with mental disorders.

Keywords: mental health care, pharmacist, active listening, psychotropic medications, therapeutic adherence, pharmaceutical intervention.

SUMÁRIO

1.Introdução	7
2. Metodologia	8
3. Resultados e discussão	9
3.1 Contexto da saúde mental e o uso de psicofármacos	9
3.2 O papel do farmacêutico na equipe multiprofissional de saúde mental.....	11
3.3 Escuta ativa como ferramenta de humanização	13
3.4 Intervenção farmacêutica e adesão terapêutica	13
3.5 Desafios, barreiras e estratégias de ação na atuação do farmacêutico em saúde mental.....	14
4. Conclusão	16
Referências	17

1.Introdução

Nos últimos anos, o tema saúde mental tem ganhado cada vez mais atenção e tem sido reconhecida como uma área essencial para garantia do bem-estar do ser humano. Transtornos tais como ansiedade, depressão, esquizofrenia e também bipolaridade trazem grandes desafios no que diz respeito ao indivíduo e também à saúde pública. Este fato demanda abordagens clínicas que na maioria das vezes se baseiam em questões interdisciplinares e saem apenas do campo clínico partindo para abordagens além do uso de medicamentos. É dentro desse contexto que o farmacêutico pode assumir um papel estratégico unindo o uso de medicamentos com o auxílio na escuta ativa em conjunto com o profissional de psicologia.

Conforme é encontrado na literatura, os psicotrópicos representam um componente terapêutico central no tratamento dos transtornos mentais, entretanto, seu uso exige que haja um rigoroso acompanhamento de profissionais a fim de minimizar os riscos à segurança do paciente, tais como interações medicamentosas e até dependência química. Alguns estudos relatam os impactos positivos da atuação farmacêutica no aumento da adesão e fidelidade aos tratamentos com psicofármacos e seus desfechos clínicos. Como exemplo, o estudo publicado pela PubMed demonstra um aumento significativo na adesão a antidepressivos e antipsicóticos após intervenção telefônica realizada por farmacêuticos, com destaque para SSRIs, SNRIs e antipsicóticos de segunda geração. Outro estudo destaca que a presença de farmacêuticos em ambulatórios, farmácias populares e em hospitais foi determinante na melhora da adesão terapêutica por meio de revisão medicamentosa, orientações personalizadas e sua continuação por teleconsulta pós alta hospitalar.

Diante do exposto, fica claro que uma revisão narrativa no que diz respeito às novas atribuições do farmacêutico na atenção à saúde mental reforça a importância de sua atuação em revisão de terapias, suporte à adesão aos tratamentos, apoio à tomada de decisão no tratamento, e ajuda a derrubar barreiras ainda existentes, tais como estigmas e lacunas na colaboração com médicos. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o farmacêutico como um agente importante nas ações de saúde mental, contribuindo para o alinhamento entre a prescrição de psicofármacos, a adesão terapêutica do paciente e uma abordagem centrada no indivíduo.

2. Metodologia

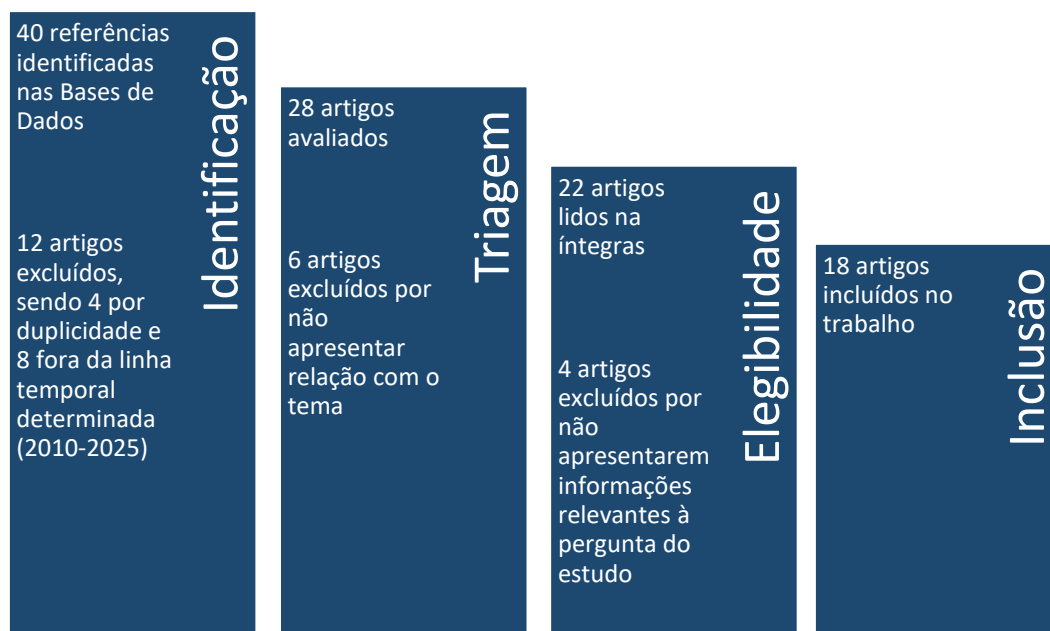
O presente estudo consiste em uma revisão bibliográfica que visa sintetizar estudos já realizados dentro do tema do trabalho, da qual será feita uma apresentação das evidências para uma melhor demonstração da importância e relevância do tema escolhido, podendo deste modo também ajudar futuras pesquisas. Para sua realização, foram seguidas as seis etapas, formulação da questão de pesquisa, busca na literatura, avaliação dos dados, análise dos dados, interpretação dos resultados e apresentação da síntese, conforme proposto por Whitemore e Knafl¹.

Para guiar o processo de seleção e análise dos artigos, foi utilizado o conjunto de diretrizes PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). O PRISMA é amplamente utilizado para os casos de meta-análises e revisões sistemáticas, garantindo que o processo seja transparente e reprodutível. Este processo possui quatro etapas principais, que são: Identificação, Triagem, Elegibilidade e Inclusão².

Na primeira etapa (identificação), foram realizadas buscas pela literatura disponível sobre o tema proposto através dos bancos de dados digitais Google Acadêmico, PubMed e Scielo, com a utilização de palavras-chave específicas, como 'saúde mental', 'escuta ativa', 'intervenção farmacêutica' e 'psicotrópicos', e suas combinações, a fim de tornar a busca mais abrangente possível.

Em seguida, na triagem, os artigos científicos obtidos foram revisados de forma independente pelos autores do presente trabalho, sendo excluídos aqueles que não correspondiam aos critérios de inclusão. Em seguida, foram considerados elegíveis aqueles artigos que após análise integral de seu texto mostraram-se adequados aos critérios estabelecidos como ano de publicação, idioma e pertinência ao tema. Por fim, os artigos selecionados foram lidos novamente a fim de serem extraídas e sintetizadas suas informações que geraram os dados apresentados nos resultados deste trabalho.

Figura 1. Análise e seleção de artigos científicos segundo o conjunto de diretrizes PRISMA



Fonte: Autores (2025)

3. Resultados e discussão

3.1 Contexto da saúde mental e o uso de psicofármacos

A saúde mental é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um componente essencial do bem-estar e da qualidade de vida dos indivíduos, sendo considerada ideal quando reflete um estado de equilíbrio em que a pessoa é capaz de lidar com as tensões da vida cotidiana, trabalhar de forma produtiva e contribuir para sua comunidade, não apenas caracterizado pela ausência de transtornos diagnosticados⁵. Nas últimas décadas, essa temática tem sido mais discutida, uma vez que tem havido o aumento exponencial dos transtornos mentais, o que vem representando um desafio alarmante para os sistemas de saúde em todo o mundo, exigindo ações coordenadas que envolvem diversas ações, principalmente a integração multiprofissional.

Ainda segundo dados da OMS, cerca de 280 milhões de pessoas sofrem de depressão no mundo, e aproximadamente 264 milhões convivem com algum transtorno de ansiedade⁵. No Brasil, as estimativas do Ministério da Saúde⁶ apontam que cerca de 30% da população apresenta sintomas relacionados a saúde mental, sendo mais comuns os transtornos de humor e de ansiedade. Esses dados refletem não apenas a dimensão clínica, mas também os impactos sociais e econômicos

associados a eles, tais diminuição na produtividade, como afastamentos prolongados do trabalho, e também sobrecarga dos serviços de saúde, públicos e privados.

Dentro desse cenário, a farmacoterapia tem se consolidado como um dos pilares fundamentais do tratamento em saúde mental. Os psicofármacos compõem uma categoria que inclui antidepressivos, antipsicóticos, ansiolíticos, estabilizadores de humor, dentre outros, que desempenham um papel de grande importância na estabilização dos sintomas e na melhoria da funcionalidade dos pacientes. Por outro lado, o uso indevido desses medicamentos pode ocasionar efeitos adversos graves, como interações medicamentosas e até dependência química³. Desta forma, se faz importante o acompanhamento profissional contínuo, desde a prescrição até o seguimento terapêutico, garantindo assim a eficácia e segurança do tratamento.

Estudos recentes destacam que a adesão ao tratamento com psicofármacos segue sendo um dos principais desafios da prática clínica. Questões como o medo de efeitos colaterais, a possibilidade de dependência dos medicamentos, o estigma social, a ausência de acompanhamento pós alta hospitalar, e até mesmo a falta de compreensão sobre a importância da continuidade terapêutica são fatores que contribuem diretamente para as elevadas taxas de abandono do tratamento⁴.

O conceito de “uso racional de medicamentos”, proposto pela OMS, é um princípio largamente discutido mundialmente e pressupõe que o paciente tenha acesso ao medicamento adequado às suas necessidades clínicas, em doses apropriadas, por um período de tempo suficiente e com o menor custo possível para a comunidade como um todo⁷. Ao ser aplicado no âmbito da saúde mental, esse conceito se amplia, incluindo a necessidade especiais como acompanhamento próximo, mais empatia e intervenções educativas. É nesse contexto que o farmacêutico tem se tornado um profissional cada vez mais necessário, pois é capaz de “traduzir” a prescrição médica em orientações compreensíveis aos pacientes, fortalecendo o vínculo terapêutico entre paciente e equipe de saúde^{3,5}.

Nos últimos anos tem crescido a produção de artigos científicos e pesquisas no tocante a importância de se valorizar a ação integrada do farmacêutico como participante ativo das decisões clínicas. Em sua pesquisa, Rubio-Valera e colaboradores⁶ destacam que a inclusão de farmacêuticos em serviços comunitários de saúde mental traz uma abordagem mais eficiente e segura, o que resulta numa

redução considerável de falhas e no aumento da efetividade dos tratamentos. Essa integração tem apresentado dados muito relevantes em países que possuem sistemas de saúde com modelos colaborativos, como por exemplo Canadá, Reino Unido e Austrália, entretanto, no Brasil essa prática começa a ganhar espaço, sendo impulsionada pela expansão dos programas de Atenção Primária à Saúde e dos Núcleos Ampliados de Saúde da Família⁸.

Dessa forma, pode-se dizer que para que o contexto atual da saúde mental no mundo e o uso de psicofármacos para seu tratamento implica diretamente em reconhecer sua complexidade e a importância da atuação multiprofissional nos tratamentos. Essa perspectiva serve como base para o aprofundamento da discussão nesse trabalho, que apresentará mais detalhadamente a importância da intervenção farmacêutica como estratégia fundamental na promoção da saúde mental.

3.2 O papel do farmacêutico na equipe multiprofissional de saúde mental

Conforme relatado anteriormente, fica claro que a atenção à saúde mental requer uma abordagem integral e interdisciplinar que seja capaz de articular diferentes conhecimentos e práticas visando o cuidado centrado no paciente. Nessa realidade, o farmacêutico ocupa um espaço estratégico nas equipes multiprofissionais, onde atua não apenas como um preparador de medicamentos, mas principalmente como agente clínico ajudando na adesão do paciente ao tratamento^{3,5}. A inserção do farmacêutico nas equipes de atenção básica, nas unidades especializadas e também nos hospitais reforça a importância da integração entre o conhecimento farmacológico e as práticas de cuidado em saúde mental^{6,9}.

No Brasil, o modelo vigente de atenção psicossocial é o consolidado a partir da Reforma Psiquiátrica e da criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), e que prevê a atuação de equipes formada por multiprofissionais compostas por médicos, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e farmacêuticos. De acordo com o Ministério da Saúde⁸, a presença do farmacêutico é fundamental para a qualificação do uso dos medicamentos psicotrópicos, na detecção de possíveis reações adversas, na promoção do uso racional dos fármacos e também no acompanhamento do paciente nos casos de continuidade do cuidado após a alta hospitalar.

Diversos estudos no mundo têm demonstrado que a presença do farmacêutico nas equipes multiprofissionais traz uma melhora significativa nos desfechos clínicos de pacientes com transtornos mentais^{10,11}. Esses estudos reforçam que a inclusão do farmacêutico nas equipes de saúde mental reduz erros de medicação, promove uma comunicação mais efetiva entre os profissionais envolvidos, e também melhora a adesão ao tratamento em sua maioria devido ao aumento na satisfação dos pacientes proveniente da melhor compreensão sobre o tratamento e seus medicamentos^{5,6}.

A participação do farmacêutico nessa equipe assume um papel educativo e social, pois através das ações de educação, o farmacêutico passa a atuar na orientação dos pacientes e seus familiares, abordando os temas mais importantes do tratamento como o reconhecimento de sinais de recaída, o manejo de efeitos adversos e principalmente a importância do tratamento completo mesmo pós alta hospitalar¹².

A atuação farmacêutica no campo da saúde mental como apoio à tomada de decisão clínica compartilhada oferece análises detalhadas de possíveis interações medicamentosas, duplicidades terapêuticas, além de atuarem ativamente no ajuste de doses dos medicamentos, dessa forma, colaborando diretamente com médicos e enfermeiros na definição de condutas terapêuticas mais seguras e eficazes, especialmente em casos mais complexos como os de pacientes com comorbidades^{5,11,12}. Além disso, o farmacêutico desempenha um papel importante no cuidado do paciente após a alta hospitalar através de programas de acompanhamento e intervenções por teleconsulta, que tem se mostrado bastante eficaz promovendo uma atenção personalizada^{3,12}.

Por fim, pode-se inferir que o papel do farmacêutico na equipe multiprofissional de saúde mental ajuda na consolidação de uma prática centrada no paciente, com empatia, respeito e corresponsabilidade. Ao exercer a escuta ativa e o acolhimento dos pacientes, o farmacêutico fortalece o vínculo terapêutico, atuando como mediador entre os outros membros da equipe e o paciente^{5,6,11,12}. Dessa forma, a atuação do farmacêutico deixa de rodear apenas o aspecto técnico, passando para dimensões sociais e muitas vezes emocionais do cuidado, o que passa a ser parte fundamental para o sucesso do tratamento e a futura reinserção social do indivíduo em sofrimento psíquico.

3.3 Escuta ativa como ferramenta de humanização

A escuta ativa nada mais é que um elemento fundamental na prática clínica em saúde mental, pois ajuda o profissional a ir além da observação sintomática e investigar a experiência subjetiva do paciente. Ou seja, isso significa dedicar atenção sincera às dúvidas, queixas e percepções do paciente sobre o uso dos psicotrópicos, através de um diálogo estabelecido de forma empática e centrado no paciente⁹.

Essa ação auxilia na humanização do cuidado e reforça o vínculo terapeuta-paciente, além de elevar a confiança depositada pelo paciente na equipe de saúde. Evidências científicas sugerem que ao perceberem que o farmacêutico valoriza suas preocupações e lhes ouve com atenção, os pacientes aumentam as taxas de aceitação e adesão ao medicamento e reduzem as interrupções no tratamento¹⁰.

Além disso, a escuta ativa favorece a detecção e o combate às barreiras psicossociais que impactam o tratamento como um todo, pois ao acolher e validar essas preocupações, o farmacêutico proporciona orientações de forma individualizadas, as adaptando à realidade do paciente, o que amplia sua percepção de segurança e cuidado¹¹. Além de possibilitar intervenções rápidas a fim de evitar complicações clínicas em casos de recaída ou de efeitos adversos¹².

3.4 Intervenção farmacêutica e adesão terapêutica

A intervenção farmacêutica no âmbito da saúde mental envolve um conjunto de ações sistematizadas que visa assegurar o uso dos psicofármacos de forma racional, segura e eficaz. Com isso, dentre outras atividades, essa intervenção busca monitorar eventos adversos, ajustar doses (quando previamente autorizado), orientar sobre possíveis interações medicamentosas, bem como dar suporte à adesão terapêutica⁵. Em seu estudo, Syrnyk e Glass⁵, afirmam que a atuação ativa do farmacêutico eleva de modo bastante significativo os níveis de adesão aos tratamentos, principalmente em ambientes de tratamento à saúde mental, com ainda mais impacto para os pacientes com transtornos complexos e histórico de interrupção do tratamento. Os autores afirmam, ainda, que quando há a combinação de consultas presenciais e remotas (teleconsulta) após alta hospitalar, bem como programas educativos de incentivo ao tratamento, a taxa de eficácia no tratamento se torna ainda mais alta. Dentre as principais ações da intervenção farmacêutica, a revisão medicamentosa

pode ser considerada uma ferramenta central, pois permite a identificação de possíveis complicações durante o tratamento. Quando essa ação é realizada de forma eficaz tem-se uma considerável redução dos riscos atrelando maior segurança ao paciente, culminando num desfecho clínico favorável, trazendo como principal resultado a diminuição nas taxas de recaídas e retorno do paciente ao internamento¹³.

Neste processo, a incorporação dessas práticas à telessaúde e ao acompanhamento remoto configura um avanço de alta relevância, uma vez que amplia o acesso ao cuidado e favorece o engajamento do paciente através de lembretes de medicação, registro de adesão, comunicação contínua com a equipe multiprofissional e feedback sobre efeitos adversos.

Ademais, a intervenção farmacêutica engloba a educação do paciente bem como de seus familiares, atuando no esclarecimento de dúvidas sobre medicamentos, discutindo expectativas terapêuticas e fortalecendo o compromisso com o cuidado contínuo. Conforme bem relatado, fica claro que a intervenção farmacêutica se tornou imprescindível na superação de barreiras psicossociais, tais como os estigmas associados às doenças mentais, medo de possíveis efeitos colaterais, e até mesmo experiências negativas anteriores com o sistema de saúde, o que ajudar a garantir a promoção de tratamentos contínuos e eficazes¹⁴.

3.5 Desafios, barreiras e estratégias de ação na atuação do farmacêutico em saúde mental

Embora o papel do farmacêutico na saúde mental esteja cada vez mais reconhecido, sua efetividade prática ainda enfrenta múltiplas barreiras, sejam de natureza social, institucional ou profissional, que afetam desde sua atuação clínica quanto no que diz respeito a integração em equipes multiprofissionais.

Nos dias atuais ainda existe um certo estigma e julgamento na sociedade quando se trata dos transtornos mentais, o que pode levar grande parte dos pacientes a evitar procurar orientação. Paralelamente a isso, alguns profissionais da área de saúde ainda não veem o farmacêutico como parte relevante na atenção à saúde mental^{15,16}. A colaboração entre os profissionais da saúde nem sempre se dá de maneira fluida. Muitas vezes há dificuldade no alinhamento entre médicos, psicólogos, enfermeiros e farmacêuticos, que pode ser gerada por falta de protocolos de

comunicação, diferenças de formação, outros motivos técnicos. Essas dificuldades podem resultar em desde prescrições inadequadas até a ausência de monitoramento do tratamento⁵. Essa dinâmica tende a limitar a adesão ao tratamento, bem como dificultar a criação e adesão de programas de intervenção farmacêutica, principalmente nas comunidades com maior índice de pessoas com baixo nível de compreensão sobre as questões de saúde mental¹⁶.

Alguns estudos apontam que a falta de treinamento especializado tende a limitar a atuação do farmacêutico, bem como sua confiança, no campo do tratamento da saúde mental¹⁷. A necessidade de contínua capacitação e atualização dos profissionais que atuam na área da saúde mental pode ser considerada também uma espécie de barreira para os farmacêuticos, pois ainda que a graduação e/ou cursos técnicos ofereçam conhecimento acerca da psicofarmacologia, a prática exige habilidades complementares, tais como escuta ativa, elaboração de estratégias para atrair e manter os pacientes, pacientes que apresentam transtornos complexos, dentre outras. Além disso, limitação de infraestrutura também se torna uma barreira importante, uma vez que ambientes que não possuem espaços para atendimentos reservados, escassez e/ou falta de recursos e até mesmo a ausência de sistemas de comunicação integrados com os outros profissionais da saúde fazem com que a implementação das intervenções e tratamentos seja muito difícil^{18,19}.

Portanto, fica evidente que a expansão e a otimização do papel do farmacêutico no âmbito da saúde mental estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento e implementação de estratégias que superem os desafios previamente discutidos, a fim de promover a prática clínica efetiva, segura e centrada no paciente. Essas estratégias abrangem os âmbitos da formação profissional, criação de políticas públicas, integração multiprofissional, e utilização da inovação tecnológica^{18,20}. Apesar dos desafios complexos e numerosos, nos últimos anos, algumas estratégias têm sido elaboradas a fim de mitigá-los. Dentre elas, podemos destacar um conjunto de ações que vão desde a elaboração de políticas públicas que valorizem a atuação do farmacêutico na área da saúde mental, programas continuados de capacitação, o uso de tecnologias digitais como teleatendimento, até campanhas de conscientização sobre o tema²⁰.

Investimentos em cursos de pós-graduação, especializações e treinamentos em saúde mental tornam o profissional mais capacitado para lidar com situações mais

complexas, além de ajudar na melhor compreensão dos transtornos mentais e aplicação de estratégias de escuta ativa de forma mais eficiente. Programas internos de integração efetiva, tendo o farmacêutico como participante ativo em reuniões clínicas e teleconsultas multiprofissionais, apresentam um alto potencial de impacto positivo na adesão ao tratamento e na segurança do paciente⁵. Por fim, como uma estratégia futura, a utilização de tecnologias digitais ganha grande destaque. O desenvolvimento de plataformas mais completas de telemedicina, que compilem dados para o monitoramento da adesão e evasão de pacientes, registros digitais de tratamentos e permitam o acompanhamento integral de modo remoto para pacientes novos e também após a alta hospitalar, permitindo a interação dos profissionais com os pacientes, são evoluções inevitavelmente necessárias na busca pela melhoria no atendimento a pacientes do grupo da saúde mental^{4,10,12,20}. Portanto, pesquisas que avaliem e proponham modelos colaborativos inovadores podem auxiliar nesse processo com melhores estratégias de integração multiprofissional, bem como no desenvolvimento de protocolos de atenção farmacêutica adaptados a diferentes contextos.

4. Conclusão

A perspectiva futura aponta para uma atuação do farmacêutico cada vez mais central na promoção da saúde mental. Combinando conhecimento técnico, habilidades de comunicação e estratégias de intervenção baseadas em evidências, o farmacêutico se posiciona como um agente transformador, capaz de melhorar a adesão ao tratamento, reduzir riscos associados ao uso de psicofármacos e promover uma abordagem humanizada e centrada no paciente. A consolidação desse papel dependerá de esforços coordenados entre instituições de ensino, serviços de saúde, gestores e profissionais, garantindo que o farmacêutico seja reconhecido como um membro essencial da equipe multiprofissional de saúde mental.

Em suma, a intervenção farmacêutica é uma estratégia indispensável na atenção em saúde mental, representando um elo essencial no funcionamento da equipe uma vez que permeia por questões tanto estruturais quanto sociais. Valendo ressaltar, também, que para que essa atuação traga cada vez mais resultados positivos, é necessário o esforço conjunto das instituições de saúde, as instituições reguladoras, os profissionais e a sociedade.

Referências

1. Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG; PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Med.* 2009; 6(7):e1000097.
2. Whittemore R, Knafl K. The integrative review: updated methodology. *J Adv Nurs.* 2005; 52(5):546-553.
3. Junior PRS de P, Magalhaes AS, Silva M do N. et al. Atenção farmacêutica e saúde mental: uma abordagem interdisciplinar para otimização do tratamento de pacientes com transtornos mentais. *Ciências da Saúde.* 2024; 29(141):16-17.
4. Bingham J, Silva-Almodóvar A, Lee H, et al. The role of the pharmacist in mental health: An investigation of the impact of pharmacist-led interventions on psychotropic medication adherence in patients with diabetes. *J Am Pharm Assoc.* 2020; 60(4):e58-e63.
5. Syrnyk M, Glass B. Pharmacist interventions in medication adherence in patients with mental health disorders: a scoping review. *Int J Pharm Pract.* 2023; 31(5):449-458.
6. Rubio-Valera M, Chen TF, O'Reilly CL. New roles for pharmacists in community mental health care: a narrative review. *Int J Environ Res Public Health.* 2014; 11(10):10967-10990.
7. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health: strengthening our response. WHO, 2023.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.
9. Scarabelin MR, Pinto LF, Oliveira LA. Active listening in pharmaceutical care: perspectives for mental health services. *Frontiers in Pharmacology.* 2018; 9(112):1-8.
10. ALJUMAH, K. A.; HASSALI, M. A. Impact of pharmacist intervention on adherence and measurable patient outcomes among depressed patients: a randomised controlled study. *BMC Psychiatry.* 2015; 15(219):1-10.
11. KELLER, A. S. et al. Clinician listening behaviors and patient outcomes in mental health care: a cross-sectional analysis. *JAMA Network Open.* 2023; 6(4):e238439.
12. GHARREMAN-FALCONER, M. et al. The role of pharmacists in multidisciplinary mental health care: a narrative review. *International Journal of Pharmacy Practice.* 2024; 31(5):449-458.
13. Ng R, El-Den S, Collins JC, et al. Community pharmacists' views and experiences of delivering in-pharmacy medication reviews for people living with

severe and persistent mental illness: a qualitative study. *Int J Clin Pharm*. 2024; 46(4): 862-871.

14. Shalash A, Zolezzi M. The evolving role of pharmacists in depression care: a scoping review. *Int J Clin Pharm*. 2024; 46(5):1044–1066.

15. Kamal L, Jacob SA. Pharmacists' Experiences, Perceptions, and Attitudes towards Suicide and Suicide Prevention: A Scoping Review. *Pharmacy*. 2023 11(1):25.

16. Calogero S, Caley CF. Supporting patients with mental illness: Deconstructing barriers to community pharmacist access. *J Am Pharm Assoc*. 2017; 57(2):248–255.

17. Alsaeed BA, Hall J, Keers RN. Evaluating pharmacist independent prescribing for patients with mental illness in community care: a qualitative study. *Front Psychiatry*. 2025; 16: 1637132.

18. FIP – International Pharmaceutical Federation. Mental health care: A handbook for pharmacists. FIP, 2022. Disponível em: <<https://www.fip.org/file/5212>>. Acesso em: 13 out. 2025.

19. Saleh N, Rizik M, Zawiah M, Abu-Farha RK. Community pharmacists' perceptions of mental health care: A qualitative study on stigma and barriers. *J Health Psychol*. Publicado online em 17 de junho de 2025. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40528358/>>

20. El-Den S, Collins JC, Chen TF, O'reilly CL. Pharmacists' roles in mental healthcare: Past, present and future. *Pharm Pract (Granada)*. 2021; 19(3), 2545.